

Peça de Teatro

Um Óbolo

A propósito dramático sobre a seca do Rio Grande do Norte, em 1904, desempenhado pelas inteligentes alunas do colégio “Luso Paraense”: Maroquita Chaves, Nené Castro e Yayá Silva, no teatrinho do mesmo estabelecimento.

Ato Único

Uma sala de visitas. Ao subir o pano Rosa e Anica o corripio cantando trechos de “Tacacá”.

Cena I

Rosa e Anica, cantando e pulando de mãos dadas.

Conheço uma bela
Chamada Sinhá,
Que lambe a panela
Do Tacacá!

Rapaz sem dinheiro
Que come jabá,
Não prova nem cheira
Do Tacacá!...

Cena II e última

As mesmas e Mariquinhas. Esta entra cabisbaixa e pensativa. As duas, ao vê-la, cessam de brincar.

Rosa – (para Mariquinhas) Como estás hoje mudada...
Como tristonha hoje vens...

Anica – (para a mesma) Estás acaso doente...
Minha amiguinha, que tens?

Mariquinhas – Sinto- me contrariada:
nos exames que hoje fiz
deixei de ser premiada,
não me deram nenhum X!

Entretanto, estudei muito,
esforcei- me mais que pude
mas, que querem? Tive a sorte
de nascer bastante rude!...

Rosa – Não te amofines por isso,
para o ano hás de brilhar!

Anica – E belos e ricos prêmios
Com certeza hás de ganhar!

Mariquinhas – (com raiva) Mas, eu queria vingar- me
dos cartões que recebi,
mostrando que também tenho

(bate na testa)
Bastante talento aqui! (pausa)
Deem- me vocês uma ideia...
Eu faço que a ideia é minha
e... pronto! Entre as premiadas
ei de também ser rainha!

Rosa – Em que porta tu bateste!...
eu pra ideias arranjar
não sou lá bastante forte...

Mariquinhas – (para Anica) E tu?

Anica – Deixa- me pensar...

(passeiam todas pela cena, de cabeça baixa)

Mariquinhas – (chamando- as) Venham cá! Tenho um discurso
que bem me pode servir...
e di- lo- ei quando a mestra
os prêmios distribuir...

Rosa e Anica – É bonito?

Mariquinhas – Falo em verso!
Ouçam lá, vou recitá- lo.
Eu subo numa cadeira
(trepando numa cadeira)
Subo assim, desta maneira...
concerto a garganta e falo:

Meus senhores e senhoras!
Eu tanta coisa sonora
para dizer- vos agora
durante o ano arranjei,
que me sinto atrapalhada!...
quero falar, não vem nada,
quero dizer, e não sei!

Palavra que falo sério...
sou pequena, mas critério
isso eu me ufano de ser!
Quis, porém, fazer figura
e eis- me aqui de cara dura
sem nada ter que dizer!

No meio de tantas flores,
meninas, moças, senhores
e belos doces também,
vou fazer um voto ardente,
e quero que, simplesmente,
no fim, digais: muito bem!

– Que a nossa mestra bondosa
seja feliz e ditosa
pela instrução que nos deu,
dissipando com constância
as trevas da ignorância
das louquinhas como eu (desce da cadeira)

Rosa e Anica – (batendo palmas) Bravos! Bonito! Garanto- te
que fazes um figurão!

Rosa – (batendo na testa) Uma ideia luminosa!
Todas faremos figura!
Daremos a nota única!
Mas, uma nota na altura!

Anica – Vamos lá, sou toda ouvidos.
Fale, portanto, a oradora...

Mariquinhas – Eu cá sou todo sentidos:
– tem a palavra a doutora!
(aponta para Rosa)

Rosa – (confidencialmente) Mamãe leu ontem na FOLHA
que no Rio Grande do Norte,
famintos, nossos irmãos
tombam nos braços da morte.

À sede, à fome, à miséria,
criancinhas como nós
falecem pelas estradas
num abandono feroz!

Corramos, em seu auxílio!
Meus intuitos não são nobres?

Anica e Mariquinhas – Sim! Mas, como amiga Rosa,
se nós também somos pobres?

Rosa – (apontando para a plateia) Olhem p'ra aquela assembleia:
nenhum daqueles senhores
nos negará, com certeza,
seus óbolos protetores!...

Pois bem: em prol dos famintos,
dos orfãozinhos que choram
– senhores, dai uma esmola
àquelas que vos imploram.

Cai o Pano